

A POLÍTICA EMPOBRECE OU ENRIQUECE?

**PRESTA CONTAS
O PARLAMENTO**

Kelly perde 500 contos por ano, Acurcio equilibra-se e Pila acusa os deshonestos
Mas Medeiros Neto faz o seu pecunio

Enquete-reportagem de Borba Touriño

(Do O JORNAL)

O O JORNAL lança hoje a primeira de uma grande série de enquetes-reportagens, objetivando trazer à luz da discussão pública alguns dos problemas e questões que mais preocupam o povo brasileiro. Contrariamente, porém, ao clássico tipo de enquetes, em que geralmente o reporter está ausente, limitando-se a apanhar quase taquigraficamente o depoimento dos entrevistados, a série de enquetes do O JORNAL, tal como já é consagrado na grande imprensa europeia, também terá todos os característicos de uma reportagem, nela também serão registradas as reações a que ninguém escapa diante de um reporter, nem mesmo os mais experimentados políticos, como o são os que vão participar da primeira enquete-reportagem que aqui apresentamos, uma enquete que é uma verdadeira prestação de contas do Parlamento ao povo.

A pecha de desonestidade é uma das que, infeliz e invariavelmente mais se atira à face dos políticos brasileiros. Raros, raríssimos mesmo, têm sido os homens públicos do nosso país que não sentiram, durante o exercício de diversos cargos, o amargor de uma acusação como essa. Para a maioria do povo, são todos eles negociastas, trapaceiros, delapidadores dos dinheiros da Nação, enfim, "ladrões", que mereceriam estar na cadeia e não usufruindo a melhor das liberdades: a de fazer o que quiserem, com imunidades...

Enganam-se, porém, os que pensam dessa maneira. Os exemplos são fecundos. Quer na Monarquia, quer na República, dezenas de

políticos acusados publicamente de desonestos, deixaram os cargos para os quais foram investidos, na mais completa pobreza. Muitos morreram na miséria, nada legando para suas famílias. E por falarmos em República, não podemos deixar de citar os casos de Rodrigues Alves, Lauro Muller, José Joaquim Seabra, os quais, ocupando os mais elevados postos, deles saíram mais pobres do que quando neles ingressaram.

No entanto, apesar da pobreza que caracteriza a grande maioria dos homens públicos do Brasil, o povo não compreendeu ainda os motivos dessa atração para a política. E uma pergunta, simples e desprezível, mas que encerra uma justificada dúvida faz a todo o momento: — "A política enriquece ou empobrece?" E se alguém opina pelo empobrecimento, outras perguntas formula: — "Neste caso, como se justifica o apego dos nossos políticos pelos cargos eletivos? Não há insinceridade na resposta?"

Para tais dúvidas há um esclarecimento. É que, infelizmente, a população brasileira não alcançou ainda os níveis culturais de outros países, tais como a Inglaterra, França, Estados Unidos e Suíça, onde o exercício da atividade política é um motivo de honra para o seu cidadão. E ele a pratica, porque sabe que é merecedor da confiança dos que o elegeram e para isso envida todos os esforços para não desmerece-la.

No Brasil, sucede justamente o contrário. Nossa maturidade política não atingiu ainda um ponto em que cada brasileiro se sinta

comprometido de que consiste um nobre e indeclinável dever o de exercer a política. E, por isto, dela se afasta, limitando-se apenas a comparecer às urnas, mesmo assim, premido pela ameaça de multas.

Não resta a menor dúvida, porém, de que, em determinados aspectos, o povo tem razão. Se, por um lado, há políticos probos, honestos, concientes de seus deveres, por outro, há também os que agem de maneira completamente diversa. Dos cargos públicos se valeram e têm valido para ótimas negociações, aumenando consideravelmente suas rendas, enriquecendo de uma noite para o dia.

E foi, precisamente, partindo dessas duas hipóteses — a do enriquecimento e do empobrecimento, — que iniciamos hoje uma série de reportagens-enquete, ouvindo para isso cerca de 100 deputados, aos quais apresentamos um formulário com os seguintes quesitos:

- 1) — Em sua opinião, a política militante do Brasil enriquece ou empobrece?
- 2) — Pessoalmente, qual tem sido o efeito do exercício da política em sua vida econômica?
- 3) — Conhece alguns casos que confirmem sua resposta ao 1.º quesito?
- 4) — Que é que o levou a ingressar na política e nela permanecer?

Não tivemos preferência de ordem política para a entrega do questionário. Escolhemos deputados notoriamente ricos e reconhecidamente pobres. Deputados, desde o sr. Barreto Pinto, que in-

gressaram na política de mãos vazias e hoje são abastados, até vultos como os srs. Raul Pila e José Augusto, que exerceram os mais destacados postos na administração e na política do país, e que são exemplos dignificantes de pobreza e honradez.

Nossa iniciativa obteve a melhor acolhida na Câmara Federal. E a prova é que quase cinquenta respostas já obtivemos, muitas das quais contendo revelações verdadeiramente sensacionais. E, o que é mais interessante, é que grande número de parlamentares, desejando comprovar a veracidade de suas respostas, convidou-nos a examina suas "contas correntes", "arquivos", etc., numa autêntica devassa à sua vida particular. Conhecido parlamentar teve o cuidado de nos exhibir recibos dos Correios e Telégrafos, que demonstravam gastar ele, por mês, somente em correspondência, mil e quinhentos cruzeiros. Outro exibiu-nos recibos de aluguel de casa, adiantando até que votaria contra qualquer majoração, pois se esta viesse, iria aumentar-lhe o déficit. E um outro mostrou-nos contas de luz e gas que não haviam sido pagas, porque não havia recebido ainda os seus subsídios. Evidentemente, tais parlamentares antes mesmo de responder ao questionário, adiantavam que a política só fazia empobrecer. Mas louvavam a nossa iniciativa, pois era a melhor maneira de o político demonstrar ao povo a falsa suposição de que é rico, vive à tripa-forra e é desonesto.

Isto não quer dizer que foram todos os deputados que receberam com simpatia o nosso inquerito. Alguns, delicadamente alegaram motivos de ordem pessoal para (Continua na 8.ª página)

